



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
Reunião de Cúpula dos Chefes de Estado do Mercosul e Estados
Associados**

San Miguel de Tucumán – Argentina, 1º de julho de 2008

Meus queridos e queridas companheiras chefes de Estado do Mercosul,
Excelentíssimos senhores e senhoras presidentes, Cristina Fernández
de Kirchner, da Argentina; Tabaré Vázquez, do Uruguai; Hugo Chávez Frias,
da Venezuela; Evo Morales, da Bolívia; Michelle Bachelet do Chile,

Senhoras e senhores ministros,

Senhoras e senhores chefes das delegações do Paraguai, Colômbia,
Equador, México, Peru, Jordânia e Turquia,

Meu caro companheiro Carlos Chacho Álvares, presidente do Comitê de
Representantes Permanentes do Mercosul,

Senhores representantes de organismos internacionais,

Representantes dos trabalhadores, do movimento social e do
Parlamento do Mercosul,

Embaixadores e embaixadoras,

Meus amigos e minhas amigas,

As minhas primeiras palavras são para saudar e agradecer a nossa
querida amiga Cristina Fernández de Kirchner, pelo trabalho desenvolvido
durante a presidência Pro Tempore argentina. Sob sua liderança demos
passos importantes em direção às metas traçadas para o Mercosul neste
último semestre. O Mercosul é hoje fator fundamental do desenvolvimento de
nossas economias e de nossa inserção internacional. Por isso, Cristina,
receber a presidência Pro Tempore de suas mãos é um orgulho e um grande
desafio.



Há alguns anos este bloco parecia desacreditado. Nossas economias passavam por dificuldades e muitos de nós experimentávamos sentimentos de frustração. Os parceiros menores sentiam, com razão, que não lhes chegavam os benefícios da integração. Resolvemos enfrentar as dificuldades dobrando a aposta no Mercosul. Com mais integração e com mais solidariedade, aprofundamos onde era possível aprofundar. Flexibilizamos (falha na gravação) onde isso ajudava as economias mais vulneráveis.

Hoje estamos colhendo os frutos das decisões tomadas ao longo desses últimos anos. O Mercosul demonstrou ser um instrumento fundamental para aumentar o comércio, fomentar os investimentos e gerar empregos. Permite aos nossos cidadãos se conhecerem melhor e se sentirem cada vez mais parte desse projeto comum.

Meus amigos e minhas amigas,

O comércio é elemento importante na integração. Nossas economias estão crescendo fortemente, impulsionadas, em boa medida, pelo aumento do intercâmbio dentro do Bloco. Os números mostram o salto qualitativo que já demos. As trocas do Brasil com os demais sócios do Mercosul vêm aumentando de forma exponencial: de 9 bilhões de dólares em 2002, para 29 bilhões de dólares em 2007. Incluindo a nossa querida Venezuela, esse comércio chega a 34 bilhões de dólares.

O Brasil está empenhado em diminuir o superávit que vem acumulando na região. O crescimento consistente das importações brasileiras, provenientes de nossos sócios, é um importante passo. Subiram 30% em 2007 e continuam a avançar em ritmo acelerado. Em 2008 nossas importações da Argentina já cresceram, nesse período, 37% comparadas com o ano passado. As importações procedentes do Paraguai subiram 87% nesse período, as do Uruguai, 37%, e as da Venezuela, 39%. Mais importante ainda é o crescimento da qualidade, com significativa participação de produtos manufaturados nas importações brasileiras. É sempre importante lembrar que a integração não se



esgota no comércio.

Por isso, estamos trabalhando para trazer novas dimensões ao Mercosul e permitir ganhos qualitativos que o comércio, sozinho, não pode proporcionar. Os acordos automotivos que o Brasil negociou com a Argentina e o Uruguai abrem caminho para ganhos de sinergia em escala regional. Vamos fazer do Mercosul um dos maiores pólos mundiais de produção de veículos. Estamos integrando cadeias produtivas em um dos segmentos industriais mais dinâmicos, com extraordinário potencial de geração de empregos e de difusão de tecnologias. Queremos levar essa lógica integradora para um maior número de setores, de forma que todos ganhem.

Por iniciativa argentina, estamos constituindo grupos de trabalho para estudar como integrar cadeias produtivas em setores estratégicos, tais como o de petróleo e o de gás. Vamos fazer com que a riqueza energética de nosso continente esteja à disposição de nossos cidadãos e do crescimento sustentável. O Fundo para a Convergência Estrutural do Mercosul tem papel decisivo nesse esforço, ao contribuir para superar as assimetrias dentro do Bloco.

Os recursos são ainda modestos frente à enormidade dos desafios, mas seu impacto já pode ser sentido, especialmente nas áreas de habitação, saneamento, transporte e capacitação tecnológica. Ver as fotos das primeiras casas populares construídas no Paraguai com recursos do Focem é motivo de orgulho para todos nós. É prova de que os benefícios do Mercosul estão chegando às pessoas que mais precisam. Tomamos, ontem, a decisão de criar o Fundo de Apoio a Pequenas e Médias Empresas. Ele permitirá a pequenos empreendedores se associarem em cadeias produtivas, com profundo impacto social no Mercosul.

Senhoras e senhores,

O Mercosul tem avançado muito além do campo econômico e comercial. Na busca do desenvolvimento econômico com justiça social, contamos com



instituições democráticas cada vez mais sólidas. A participação crescente do cidadão na discussão dos rumos do Bloco sinaliza o amadurecimento político de nossas instituições comuns. Nesses últimos semestres, multiplicaram-se as formas de participação da sociedade civil nas atividades de nosso Bloco. Quero trabalhar para aprofundar esse processo. Por essa razão, vou assinar decreto que institui no lado brasileiro o programa Mercosul Social e Participativo que resgatará, durante a Presidência Pro Tempore brasileira, o esforço de incrementar a relação com os movimentos sociais e as instituições da sociedade. As eleições diretas para o Parlamento do Mercosul representarão um maior compromisso de todos os setores de nossos governos com as deliberações e os objetivos de nosso Bloco. Penso que esses congressistas – e aqui estou vendo um deles – logo estarão trabalhando juntos em defesa de ideais e de projetos que atravessam fronteiras. Alguns dos problemas do Bloco exigem o fortalecimento de outras instituições, sobretudo de nossa estrutura em Montevidéu. Esse é um debate do qual não podemos e não devemos fugir.

Meus caros colegas,

É com muita honra que assumo novamente a presidência Pro Tempore do Mercosul, em nome do Brasil. Muitas tarefas nos esperam no semestre que está começando. Confio em que avançaremos com base no diálogo permanente e na vontade política de enfrentar decisões difíceis. Estamos determinados a fortalecer nossa união aduaneira. Para isso, assumimos o compromisso de, rapidamente, eliminar a dupla cobrança da Tarifa Externa Comum. Vamos afastar obstáculos na continuada expansão de nossas trocas comerciais e queremos superar entraves tributários a um maior intercâmbio na área de serviços. Estaremos atentos ao avanço da Agenda Social do Mercosul.

Vamos estimular o Banco de Preços de Medicamentos, que reforçará a capacidade de negociação de nossos governos. Queremos fortalecer o fórum de difusão de conhecimentos em agricultura familiar. Estamos empenhados na criação do Instituto Mercosul de Estudos Avançados, para articular a pesquisa



entre nossas instituições de ensino superior. Continuaremos prestigiando os canais de participação da sociedade civil e favorecendo a livre circulação de homens e mulheres quando, no outro lado do oceano, desencadeia-se odiosa perseguição aos latino-americanos, muitas vezes cercada de conteúdo racista. Nesse sentido, quero dar parabéns à decisão unânime do Parlamento do Mercosul de repúdio à diretriz aprovada pela União Européia.

Senhoras e senhores,

No momento em que o mundo se defronta com desafios graves, que exigem respostas coletivas e solidárias, é imperativo reforçarmos o diálogo e a coordenação econômica no nosso Bloco. Precisamos desenvolver estratégias que nos protejam da instabilidade nas economias desenvolvidas. O sistema de pagamento em moedas locais a ser implantado primeiramente entre Argentina e Brasil, já nesse segundo semestre, é passo necessário para resguardar nossa soberania financeira. Diante da alta do preço do petróleo, da crise de alimentos e do debate sobre as mudanças climáticas, cabe perguntar onde estaríamos sem o Mercosul. Estaríamos mais confiantes e solidários? Ou mais dependentes e isolados no contexto internacional?

Nossa integração nos faz mais fortes, respeitados e independentes. A criação de um pólo regional de biocombustíveis, por exemplo, garantirá a nossa segurança energética e reforçará nossa posição nas negociações sobre aquecimento global. Juntos estamos em condições de transformar nossas vastas riquezas naturais e potencialidades econômicas em mais bem-estar comum. Unidos temos melhores condições para reclamar justiça, igualdade e equilíbrio na arena internacional.

Daí minha convicção de que devemos redobrar esforços para concluir, o quanto antes, o processo de adesão da Venezuela ao Mercosul. Com igual convencimento, penso que nossos projetos de integração exigem aprofundar as negociações com os parceiros da América Latina e do Caribe.

Sediaremos em Brasília, no mês de setembro, reunião com os países



centro-americanos. Em Salvador, no dia seguinte à Cúpula do Mercosul, retomaremos o diálogo com os presidentes dos países-membros de mecanismos de integração da América Latina e Caribe.

O Mercosul é uma idéia que se confunde com os projetos e aspirações de desenvolvimento e integração de todo um continente. Não é por outra razão que, em seguida a esta Cúpula, seus membros e associados participarão de uma reunião da Unasul.

Minha cara companheira Cristina,

Em todos esses passos, temos contado com a liderança e a experiência da presidência argentina. É com plena confiança de que continuaremos a contar com essa indispensável contribuição que o Brasil assume a presidência Pro Tempore do Mercosul.

Meus amigos e minhas amigas,

Duas palavras, aqui, para terminar e bater o martelo nesta reunião. Primeiro, reforçar, companheiro Chávez, o que a Cristina disse aqui, ao deixar a Presidência. A reunião do Banco do Sul, no dia 27, teve uma boa decisão, eu acho que já está praticamente consagrado, apenas o companheiro Ali não pôde participar, por problemas, mas certamente o Banco do Sul já é um problema a menos na nossa agenda e nas nossas inquietudes.

A segunda coisa que eu queria dizer aos nossos participantes é que essa questão do alimento possivelmente seja mais séria do que nós a estejamos compreendendo. Neste momento, esse grupo de trabalho que o Chávez propôs, e que está acordado para discutir segurança alimentar, precisa, companheiros, não apenas ouvir as pessoas que participam, na área da agricultura, nos nossos países, mas preparar um documento para que haja o enfrentamento internacional sobre esse tema.

Nós não temos o direito de permitir que sejamos tratados como coadjuvantes num assunto em que nós somos os artistas principais. Nós temos tecnologia, nós temos o sol de que precisamos, temos a água de que



precisamos. Temos um problema energético porque, no passado, não foi feito o que precisaria ser feito para a integração energética do nosso continente. Temos condições de fazer com que essa integração aconteça. Por isso, foi constituído um grupo para discutir a questão da integração energética, porque nós precisamos cobrar as propostas concretas para que esse grupo comece a produzir propostas de políticas para que nós comecemos a trabalhar.

E queria dizer para vocês que os avanços tecnológicos que, certamente, os países que estão aqui, alguns têm, outros ainda não têm – por isso montamos o escritório da nossa Empresa de Pesquisa na Venezuela e queremos ajudar o Chávez a ser um grande produtor de soja, de pollo, de “maíz”. Ontem, ele me convidou para chupar uma laranja “dulce” aí, na praça, e agora eu fico sabendo que é limão. “Es uma vergüenza” o teu conhecimento de cítricos.

O dado concreto é que nós temos todas as possibilidades. O que precisamos é estabelecer, respeitando a soberania de cada país, respeitando a situação da liberdade de expressão de cada presidente... O que precisamos, neste momento, é ter um discurso comum para enfrentar um problema comum a todos nós. Nós passamos quase duas décadas “comendo o pão que o diabo amassou”, vendo os países ricos ficarem mais ricos e os nossos países ficarem mais pobres. A lógica que predominava aqui na América do Sul era a lógica de quem era mais amigo da Europa ou de quem era mais amigo dos Estados Unidos. Eu me lembro que a Argentina tinha um presidente, e o Brasil tinha outro, que ficavam disputando quem conversava mais com os governantes da Europa e dos Estados Unidos. Nós não precisamos disso.

Eu digo sempre, Cristina, que na história da Humanidade nenhum interlocutor respeita outro que não se respeita. Nós acumulamos essa experiência política. As pessoas que estão aqui, nesta mesa, são resultado de eleições democráticas e livres, se submeteram, com um programa muito claro, à vontade do povo, e ganharam as eleições.



O que nós precisamos, todas as vezes que pudermos – Chávez, companheira Cristina, companheiro Evo, companheiros do Uruguai, do Chile, do Paraguai – é falar em alto e bom som e deixar bem claro que a única possibilidade que nós temos de alcançar o padrão de desenvolvimento justo que queremos, é num clima de paz onde prevaleça a democracia, em que as decisões eleitorais sejam respeitadas, em que as instituições possam funcionar.

Eu falo, Evo, olhando para você, e posso repetir aqui no Mercosul, agora como presidente Pro Tempore, que a sua vitória na Bolívia foi a vitória mais significativa de toda a América Latina. Um povo que durante 500 anos foi segregado, foi tratado como se fosse de terceira categoria, eleger um dos seus presidentes da República, o mínimo que nós queremos, torcemos e exigimos é que a democracia seja cada vez mais sólida na Bolívia, e que o povo continue cada vez mais dono do seu destino, elegendo quem quiser eleger e garantindo que essa pessoa possa exercer a plenitude do seu mandato.

Nesta mesa, todos nós já fomos vítimas de momentos de crise. Eu olho para a cara da Michelle Bachelet e fico sabendo que o inferno astral dela foi na questão do transporte de Santiago. Fico olhando para o Chávez e vejo quantos problemas ele já enfrentou. Eu pensava que no Brasil não teria problemas e sei o que eu passei em 2005. Sei o que os companheiros do Paraguai enfrentaram, e sei o que a Cristina está enfrentando.

Nesse momento só existe uma coisa para nós. Primeiro, acreditar nas instituições democráticas que nós mesmos criamos. Segundo, acreditar na sabedoria do povo que nos elegeu. Terceiro, não perdermos nunca a paciência, porque tudo o que os adversários querem é que a gente “se quede nervioso”, para não ter tranquilidade para trabalhar. Cada um de nós tem um compromisso, esse compromisso foi vencedor e nós precisamos estar juntos para garantir que a democracia nunca mais deixe de existir, para que a gente não viva os anos duros da década de 60 e de 70 no nosso continente.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

Com essas palavras, eu quero dizer a todos vocês: tentarei ser um presidente pelo menos igual ao que a Cristina foi nesse período.

Muito obrigado pela presença de todos.

(\$211B)